

Atualmente, qual momento é interessante para se vender café??

No mês de agosto/2025, na ICE Futures US (Bolsa de Nova Iorque), o café Arábica, que iniciou o mês com o fechamento do primeiro dia de negócios na mínima de 277,55 cents/lb, apresentou uma forte recuperação, encerrando o mês com fechamento em 386,10 cents/lb, portanto, um mês de forte alta. Já na ICE Futures Europe (Bolsa de Londres), o Canephora (Robusta/Conilon), que, assim como o Arábica, iniciou o mês com o fechamento do primeiro dia de negócios na mínima de USD 3.259,00/ton, chegou a trocar de mãos a USD 4.986,00/ton, para depois encerrar o mês com fechamento em USD 4.815,00/ton, portanto, um mês de forte recuperação também. Os motivos desses movimentos e dessa volatilidade nas principais Bolsas de café do mundo com algumas perspectivas futuras, a seguir...

Análise Gráfica – Café Contrato C – ICE Futures US – Jan/25 a Set/25)



Fonte de dados: Investing.br

Análise Técnica: Fundação Procafé, 04/09/2025

Fechamentos - Mês de Agosto/2025

DESCRIÇÃO	MÍNIMA	MÁXIMA	ÚLTIMO DIA DO MÊS
Café CD, B/C, bebida mole, tipo 6 (R\$/sc)	R\$1.900,00	R\$2.500,00	R\$2.500,00
Café B/C, bebida dura p/ melhor, tipo 6/7 (R\$/sc)	R\$1.800,00	R\$2.380,00	R\$2.380,00
Café B/C, bebida rio, tipo 7 (R\$/sc)	R\$1.200,00	R\$1.750,00	R\$1.750,00
Café Conilon, B/C, tipo 7/8 (R\$/sc)	R\$965,00	R\$1.500,00	R\$1.490,00
Bolsa NY - ICE US (cents/lb)*	277,55	386,10	386,10
Bolsa SP - [B] ³ - tipo 4/5 (USD/saca)*	339,10	475,85	475,85
Bolsa Londres - ICE Europe - Canephora (USD/ton)**	3.259,00	4.878,00	4.815,00
Câmbio - PTAX de venda - USD/R\$	R\$ 5,3928	R\$ 5,5436	R\$ 5,4264

Fontes: Principais praças de café, [B]³, ICE Futures US, ICE Future Europe, BCB.

*Contrato/Vencimento: Dezembro/2025

**Contrato/Vencimento: Novembro/2025

FATORES DE SUSTENAÇÃO (ALTA)

No mês de agosto/25, após o forte recuo que as cotações do café apresentaram nas Bolsas de NY e de Londres, durante os meses de maio/25 e junho/25, e da estabilidade apresentada no decorrer do mês de julho/25, o mercado parece ter se atentado ao fato de que a oferta, certamente seguirá restrita, ao menos até o final do ciclo 2025/26, com determinado nível de risco para o ciclo 2026/27 que, ao contrário do que foi cogitado a alguns meses atrás, dificilmente alcançará o patamar de 2020.

No que tange os fundamentos, apenas contextualizando com os últimos dados do USDA (Departamento de Agricultura dos EUA), que compuseram a síntese do mercado do mês de junho, apesar do incremento apontado para o ciclo 2025/26, que culminará em um novo recorde de produção global de 178,680 milhões de sacas, há também uma previsão de recorde para o consumo que deve girar em torno de 169,363 milhões de sacas. Embora o incremento no consumo global não seja tão expressivo quanto na produção, quando associado às importações globais, estimadas em 140,283 milhões de sacas, e às exportações, estimadas em 148,533 milhões de sacas, resulta em estoques finais de 22,819 milhões de sacas para o ciclo 2025/26, ou seja, 13,47% do consumo global, um nível crítico e também insuficiente para, sequer, dois meses de consumo, o que tende a manter o mercado extremamente sensível a qualquer surto climático, tal como veio ocorrendo nos últimos dois meses. Outro dado importante é que, enquanto o USDA estima um superávit de 9,317 milhões de sacas para o ciclo 2025/26, uma pesquisa da Reuters com agentes de mercado apontou expectativa de um ligeiro superávit de 1,45 milhão de sacas no balanço global de oferta e demanda para o mesmo ciclo.

Com os trabalhos de colheita praticamente concluídos no Brasil, ficou totalmente nítido que a quebra com relação ao potencial inicial em função da estiagem de 2024 e do veranico do início de 2025, foi realmente bem superior ao esperado. Além da frustração que vários players do mercado cafeeiro (cooperativas agrícolas, exportadores, armazéns gerais, dentre outros) vêm demonstrando com relação à expectativa inicial de recebimento de café em seus depósitos, inúmeros produtores seguem relatando que a quebra com relação à quantidade que, inicialmente, haviam previsto colher neste ano já alcança níveis de 25% a 30%. Além das consequências da estiagem de 2024 no pegamento da florada de 2024, o veranico no início de 2025, acarretou mais uma perda, não na quantidade de frutos, mas na densidade e no peso dos grãos que levaram determinados produtores a gastar algo em torno de 600 a 700 litros para se fazer uma saca de café. Como novidade fundamental no mês de agosto, diante o cenário exposto acima, algumas entidades já começaram a promover um corte em suas estimativas para a safra brasileira de 2025, como é o caso da Stone-X e da Safras & Mercado:

- StoneX: Em seu relatório final de pesquisa de safra de café no Brasil, para o ciclo 2025/26, a StoneX promoveu um novo corte de 3,41%, indicando atualmente uma estimativa de 62,3 milhões de sacas ante 64,5 milhões de sacas estimadas em sua projeção anterior, realizada no mês de Abril/25, momento em que já havia promovido um corte de 1,68% com relação à sua primeira estimativa, realizada no mês de novembro/24, quando, inicialmente, estimou uma safra brasileira de 65,6 milhões de sacas para este ano. As atuais 62,3 milhões de sacas representam uma quebra de 5,46% com relação à safra passada, quando, segundo a StoneX, o Brasil colheu 65,9 milhões de sacas. Em sua última pesquisa, a StoneX manteve sua estimativa para os Canephoras em 25,8 milhões de sacas, o que representa um aumento de 21,7% em relação à temporada anterior, quando o Brasil colheu 21,2 milhões de sacas. Já para o Arábica, a StoneX promoveu

um corte de 5,68% em relação à sua projeção anterior, saindo de 38,7 para 36,5 milhões de sacas, o que representa uma quebra de 18,34% em relação à temporada anterior, quando o Brasil colheu 44,7 milhões de sacas. De acordo com a StoneX, *“em 2024 a florada e a condição vegetativa das lavouras sofreram com uma estiagem prolongada, o que resultou em uma safra 2025 abaixo das expectativas”*. Já em 2025, *“a baixa pluviosidade e as temperaturas elevadas de fevereiro/25, período de enchimento dos grãos, resultaram em frutos menores e mais leves. O efeito foi especialmente severo sobre o Arábica, levando a rendimentos aquém do projetado e obrigando novo ajuste para baixo nas estimativas”*, relata a StoneX em seu último relatório de pesquisa da safra de café 2025 no Brasil.

- Safras & Mercado: Revisou para baixo sua estimativa de produção brasileira de Arábica para a safra 2025/26, estimada agora em 38,05 milhões de sacas, um corte de 6% em relação à previsão anterior e retração de 14,3% diante a safra passada, apontada em 44,4 milhões de sacas. Ainda de acordo com a Safras & Mercado, a excelente safra de Canephoras, de 25,30 milhões de sacas, ajuda a aliviar o quadro, mas não compensa integralmente a perda do Arábica. Assim, a safra total do Brasil para o ciclo 2025/26, foi revisada de 65,51 para 63,35 milhões de saca, indicando uma quebra de 3,03% em relação à safra passada apontada em 65,33 milhões de sacas.

No Podcast Procafé nr. 185 (<https://www.youtube.com/watch?v=j1KOi91XBUM>), os pesquisadores Alysson Vilela Fagundes e Alexandre Pedrosa Pinto, deixaram claro o fato de que, de um modo geral para os cafés Arábicas, após a pior seca dos últimos 50 anos, entre os meses de abril/24 e outubro/25, a quebra com relação ao potencial inicial antes da seca, provavelmente giraria em torno de 20% a 25%. Todavia, após o verão do início do ano, que durou em torno de 30 dias em algumas regiões, chegando a 45 dias em outras, houve uma nova redução de 5%. Com o isso, redução da safra 2025/26 no Brasil com relação ao potencial existente antes das referidas adversidades climáticas, chegou em média a cerca de 25% a 30% em inúmeras regiões de café Arábica. Neste cenário, aumentando a percepção de oferta restrita, o produtor, um pouco mais capitalizado, segue restringindo suas vendas na expectativa de melhores preços. Já com relação ao potencial para a safra brasileira de 2026, Alysson e Alexandre expuseram que a safra de 2026 não alcançará os níveis de 2020. Em uma simples enquete realizada pelos pesquisadores, com participação de aproximadamente 500 produtores, 24% afirmou que devem colher uma safra/26 maior do que colheu em 2020, 11% afirmou que deve colher algo similar e 65% afirmou que em 2026 deve colher menos café do que colheu em 2020. Dentre os que devem colher mais, muitos casos se justificam pelo aumento da área em produção e não pelo aumento de produtividade em áreas que já vinham em produção. Além da geada no início do mês de agosto que tirou mais de 400 mil sacas do mercado, o frio também trouxe danos não tão visíveis como os da geada, mas que certamente beliscaram mais uma parte do potencial de produção para o ano que vem.

Diante o atual cenário, o mercado segue na expectativa da entrada da nova safra de países como Colômbia, América Central e, principalmente, Vietnã no mercado, o que deve ocorrer somente a partir de novembro ou dezembro podendo até mesmo vir a exercer certa pressão sobre as cotações, em especial, dos Canephoras. Porém, até lá, a lacuna existente na oferta segue intensa, o que vem dando sustentação até mesmo para os preços dos Canephoras que no decorrer de agosto apresentaram uma valorização de aproximadamente 48% na Ice Futures Europe (Bolsa de Londres).

De acordo com a Rural Clima, apesar de uma amplitude térmica maior no mês de setembro, o risco de frio para as regiões cafeeiras do país ficou para trás. Agora, é preciso acompanhar e

torcer para o retorno das chuvas nas regiões cafeeiras do país. Os modelos climáticos utilizados pela Rural Clima, apontam que as chuvas devem começar a chegar nas regiões cafeeiras mais cedo do que no ano passado, isto é, ainda na segunda quinzena de setembro. Mas muita atenção, pois estas chuvas iniciais podem ocorrer ainda de modo muito irregular, ou seja, pode chover muito em algumas áreas, em outras pouco e em outras nada. Atenção ao risco de tempestades e chuvas de granizo cuja probabilidade para este ano está maior. Já para o mês de outubro, as perspectivas de retorno das chuvas nas regiões produtoras de café são melhores. Apesar disso, o setor agropecuário de um modo geral segue apreensivo frente a tendência do La Niña se fortalecendo com o avanço da primavera, tornando cada vez mais provável a instalação do fenômeno ainda no último trimestre de 2025. Como se sabe, o La Niña traz adversidades que podem impactar o potencial produtivo em várias regiões cafeeiras, trazendo mudanças no regime de chuvas e de temperaturas. Segundo a OMM (Organização Meteorológica Mundial), ainda que o fenômeno deva ser de fraca intensidade, os modelos climáticos apontam que existe uma tendência para o surgimento da La Niña nos próximos meses. De acordo com as previsões dos Centros Globais de Produção de Previsão Sazonal da OMM as chances de ocorrência entre os meses de outubro e dezembro estão distribuídas da seguinte forma: 60% de chance de La Niña, 40% de chance de neutralidade e 0% de chance de El Niño. A Administração Atmosférica e Oceânica dos Estados Unidos (NOAA) também elevou a probabilidade de La Niña durante a primavera, para 56%.

Confirmando o atual quadro de oferta restrita, a quedas nas exportações no mês de julho intensificam a apreensão com a manutenção do cenário de oferta restrita por mais tempo. Dados da OIC apontam que as exportações de julho/25, estimadas em 11,418 milhões de sacas, apresentaram uma queda de 1,60% em relação a julho/24, quando o total das exportações globais somaram 11,604 milhões de sacas. No comparativo com o mês anterior, julho/25 apresentou uma queda de 2,32%, uma vez que em junho/24 as exportações globais somaram 11,689 milhões de sacas. No acumulado do ciclo 2024/25 (out/24 a jul/25) as exportações globais caíram para 115,615 milhões de sacas, em comparação com 115,936 milhões de sacas exportadas no mesmo período do ano anterior, sendo a América do Sul a impulsionadora da última retração, cujas exportações diminuíram 18,5%, indo para 4,4 milhões de sacas contra 5,4 milhões de sacas exportadas em julho/2024. Como resultado, a participação da região no total das exportações mundiais caiu para 38,5% em julho/2025 contra 46,5% de julho/2024. Julho/2025 marcou o nono mês consecutivo de retração para a América do Sul, sendo esta a região com maior produção de café no mundo. No Brasil, de acordo com o Cecafé (Conselho dos Exportadores de Café do Brasil), as 22,15 milhões de sacas exportadas pelo Brasil no acumulado dos sete primeiros meses de 2025, representaram um recuo de 21,4% com relação às 28,18 milhões de sacas exportadas no mesmo período do ano de 2024. Além disso, no mês de julho/25, de acordo com o Cecafé, o Brasil embarcou 2,73 milhões de sacas, o que implica queda de 27,6% na comparação com o mesmo período de 2024. Segundo o presidente do Cecafé, Márcio Ferreira, uma redução nos embarques já era aguardada neste ano pois, além de uma safra sem excedentes com o potencial produtivo impactado pelo clima, as exportações recordes de 2024 culminaram em níveis de estoques reduzidos. Já para o mês de agosto, dados preliminares do Cecafé até 28/agosto apontam uma retração ainda mais forte, com um recuo demais de 40% com relação às 3,48 milhões de sacas exportadas no mesmo período de 2024. A quebra da safra brasileira de 2025, com certeza limitará a capacidade de exportação para o ciclo 2025/26 e manterá os estoques de passagem próximos de zero no Brasil e em níveis alarmantes no mundo.

Dados relacionados aos estoques também seguem confirmando o cenário de restrição na oferta.

Os estoques certificados da ICE Futures US apresentaram queda, não somente pela oferta restrita, mas também pelo tarifaço de Donald Trump, que taxou o café brasileiro em 50%, elevando diferenciais no mundo inteiro e pressionando os estoques certificados na ICE. Para se ter melhor noção, em 31/jul, os estoques certificados de NY estavam em 770.621 scs; em 29/ago estavam em 710.196 scs; em 03/set estavam em 686.863 scs das quais apenas 15% são de origem Brasil. Antes do anúncio do tarifaço (Abril/25), os cafés brasileiros representavam em média algo em torno de 60% a 70% dos estoques certificados de NY. No contexto geral, há um ano atrás os estoques certificados de NY giravam em torno de 850.000 scs, um nível considerado já crítico. Os estoques de Robusta da ICE Futures Europe também vem apresentando queda, chegando a bater a mínima de um mês ao final de agosto. Ainda com relação aos estoques, no Brasil, de acordo com Safras & Mercado, devido ao quadro de oferta restrita de Arábica, a relação estoque/consumo ao final do ciclo 2025/26 deve girar em torno de 5%, com níveis de 1,1 milhão de sacas, ou seja, estoques praticamente zerados.

Embora não seja saudável para o mercado de café, o tarifaço de Donald Trump é um fator que, de um certo modo, vem dando certa sustentação às cotações uma vez que, no curto prazo, tende a reduzir ou encarecer a oferta no mercado consumidor norte-americano. Alguns compradores americanos estão anulando novos contratos de compra de café brasileiros devido às tarifas de 50% impostas às exportações brasileiras para os EUA. Isso está restringindo a oferta de café no mercado americano, onde cerca de um terço do café não torrado é de origem brasileira. De acordo com o sócio diretor da Pine Agronegócios, Vicente Zotti, todos os cafés que foram embarcados do Brasil aos EUA até o dia 5 de agosto têm o prazo até 5 de outubro para chegar no país, “*são dois meses para navegar e abastecer o mercado americano. Então, no curtíssimo prazo, os cafés estão chegando e chegarão ao longo do mês de setembro. Mas, os cafés que deveriam ser embarcados agora estão parados. E os Estados Unidos têm em torno de mais uns 30 a 40 dias de estoque, composto por aquilo que já foi comprado, embarcado e estaria chegando. Porém, o comprador americano segue consumindo seus estoques*”. Já de acordo com o analista da StoneX, Fernando Maximiliano, a cautela na compra do café brasileiro pelos EUA pode ocasionar um redirecionamento das rotas. “*Não é uma questão de que o mercado americano vai ficar sem café, na verdade eles estão redirecionando suas demandas, reduzindo as compras diretas do Brasil, mas comprarão de outros países e a gente, eventualmente, vai estar atendendo aos mercados que esses outros países deixarem de atender*”, afirma Fernando Maximiliano. A grande questão aqui é: com o passar do tempo, qual será o impacto de tudo isso nos preços do café, se é que vai impactar. Além disso, nos últimos dias, os investidores também seguem atentos à decisão de um tribunal federal de apelações que determinou que grande parte das tarifas impostas por Donald Trump é ilegal. A decisão, tomada por maioria de 7 a 4, estabeleceu que as taxas permaneçam em vigor até 14 de outubro, para que haja prazo para recurso. O presidente dos EUA, Donald Trump, já entrou com uma petição na Suprema Corte americana pedindo para ser anulada a decisão de um tribunal inferior que considerou a maioria das tarifas comerciais contra diversos países do mundo como ilegais. Vejamos os próximos capítulos dessa novela...

No cenário econômico internacional, a atenção dos investidores se volta para o relatório de emprego (payroll) de agosto, divulgado hoje (05/setembro), apontando o aumento da taxa de desemprego para 4,3%, o que significa um sinal de desaceleração no mercado de trabalho norte-americano e aumenta a pressão sobre o FED (Federal Reserve - Banco Central dos EUA) quanto à expectativa de cortes de juros, o que, caso se concretize, pode reduzir o apelo por renda fixa e aumentar a atração dos investidores a ativo de maior risco, tal como o café.

Se no mercado físico interno a desvalorização do Dólar contra o Real tende a pressionar os preços

do café em R\$ por saca de 60 kg, o estímulo nas principais Bolsas de café do mundo é diferente haja vista que, além de inibir a oferta das origens produtoras que comercializam internacionalmente em Dólar, as cotações nas Bolsas também são em Dólar e, com o Dólar desvalorizado, o mercado tende a ficar mais atraente para a comitentes compradores, gerando um estímulo altista. Contra o Real, o Dólar já apresenta uma desvalorização superior a 12% no ano de 2025. Já o U.S. Dollar Index, que compara o Dólar a outras seis moedas de países desenvolvidos, apresenta uma queda superior a 10% no ano de 2025. O Bloomberg Dollar Spot Index, que compara o Dólar contra dez moedas de mercados desenvolvidos e emergentes que têm a maior liquidez no mercado de câmbio e os maiores fluxos de comércio com os EUA, também apresenta queda superior a 10% no ano de 2025. As razões para a deterioração do Dólar em nível global, não são somente relacionadas ao tarifaço, mas a um contexto econômico e geopolítico que vem deixando o mercado global mais cauteloso com relação à moeda-norte americana. A forma como o governo americano vem usando a moeda como um instrumento para punição de transgressões na esfera geopolítica, por meio de sanções econômicas, é um dos principais motivos para a queda de confiança entre investidores.

Após forte a pressão sobre as cotações do café nos meses de maio e junho e diante as novidades fundamentais que surgiram no decorrer do mês de agosto, o apetite dos fundos de investimentos e especuladores por café parece ter voltado. Após ter batido seu fundo ao atingir um saldo líquido comprado em Futuros na Ice Futures US (Bolsa de NY) de 26.202 contratos no dia 12/agosto, os fundos começaram a elevar suas posições compradas novamente, indo para um saldo líquido comprado de 31.274 no dia 26/agosto conforme reportado pela CFTC (Comissão de Negociação de Contratos Futuros de Commodities dos EUA). Os fundos seguem atentos aos fundamentos, mas, é muito provável que não possuem os níveis de informação de oferta brasileira como nós, que estamos ao lado das lavouras, temos.

FATORES DE PRESSÃO (BAIXA)

No mês de agosto/25, apesar dos inúmeros fatores de sustentação que levaram a uma recuperação expressiva dos preços, tanto na Bolsa de NY como na de Londres, alguns fatores, embora sem tanta intensidade, também exerceram pressão sobre os preços.

Ontem (04/set), como previsto, em seu 3º levantamento para a safra de café, a Conab, reduziu em 0,9% sua previsão para a safra brasileira de 2025. Porém, na contramão de várias outras fontes, a entidade ainda mantém previsão de um acréscimo de 1,8% para a safra brasileira de 2025 quando comparada à safra de 2024. Em seu levantamento de setembro, quando comparado à sua estimativa anterior (realizada em maio) a Conab reduziu em 4,9% sua estimativa de safra de Arábica e elevou em 7,25% sua estimativa de safra de Canephora. Com essa atualização, a Conab aponta que a safra brasileira de 2025 é de 55,204 milhões de sacas ante 54,215 milhões colhidas em 2024. Para os Arábicas, a Conab aponta uma produção em 2025 de 35,150 milhões de sacas contra 39,598 milhões colhidas em 2024, portanto uma quebra de 11,2%. Para os Canephoras, a Conab aponta uma produção em 2025 de 20,054 milhões de sacas contra 14,617 milhões colhidas em 2024, portanto um incremento de 37,2%, compensando a quebra dos Arábicas.

Com relação à Lei de Reciprocidade Econômica contra os Estados Unidos pelo tarifaço de Donald Trump aplicado ao Brasil com tarifas de 50% em cima dos produtos brasileiros, o Cecafé emitiu uma nota com seu posicionamento a respeito do tema. Em nota, “o Conselho dos Exportadores

de Café do Brasil (Cecafé) manifestou preocupação quanto ao início do processo, por parte do governo federal, que pode levar à aplicação da Lei de Reciprocidade Econômica contra os Estados Unidos pela aplicação de tarifas de 50% contra produtos brasileiros a serem importados pelos norte-americanos, entre os quais o café. A apreensão se justifica pelo fato de a entidade entender que, assim como se vem tratando nas constantes reuniões do setor privado com o governo federal, o cenário necessário e mais coerente, nesse momento, é a manutenção do diálogo com o segmento privado e as autoridades dos EUA. Isso porque pensar na aplicação da Lei de Reciprocidade é prematuro, uma vez que sequer houve uma reunião entre os governos de Brasil e EUA, além do fato de que uma virtual aplicação dessa legislação pode gerar dificuldades ao setor privado para conversar com seus pares norte-americanos, compradores de café, e impor ainda mais obstáculos para a conversa entre ambos os governos.” É preciso ponderar que, se por ora, a restrição de oferta nos EUA vem até mesmo dando sustentação aos preços, ora ou outra, a redução pela demanda de café brasileiros pode vir a pressionar os preços. Ainda não dá para cravar nada sobre os reais impactos do tarifaço sobre o mercado de café. O único ponto no qual é possível afirmar é que, de fato, pensar na aplicação da Lei de Reciprocidade sem antes haver uma reunião entre os governos de Brasil e EUA é realmente prematuro e inconsequente.

Diferentemente do cenário econômico internacional, no Brasil, diversos indicadores já seguem dando indícios da perda de fôlego, evidenciada pelos dados do Produto Interno Bruto (PIB) do segundo trimestre, publicado no dia 02/set. De abril a junho, a atividade econômica avançou apenas 0,4% em relação aos três meses anteriores, bem menos que o crescimento de 1,3% registrado no primeiro trimestre. O resultado registrado pelo IBGE foi levemente superior ao previsto por agentes de mercado em um levantamento feito pela agência de notícias Reuters, que indicava alta de 0,3% do PIB. Mas a surpresa levemente positiva não mudou o fato de que o ritmo de crescimento foi reduzido em relação ao mesmo período do ano passado, apresentando o resultado mais baixo desde 2022, com 2,2% de evolução. Projeções do Fundo Monetário Internacional indicam expansão de 3% para o PIB global no ano de 2025 e também no ano de 2026 e de 4% para os países emergentes, grupo do qual o Brasil faz parte e passa a figurar entre os países de desempenho mais baixo. Travada pelos juros altos, a economia brasileira parece ter entrado em rota de desaceleração. Os indícios de que a economia brasileira segue insustentável ficam cada mais evidentes deixando todo o mercado apreensivo. O aumento da arrecadação pública sem o estancamento das despesas, culminam na elevação da dívida pública que segue fora de controle e no mês de julho subiu 0,71% ultrapassando R\$ 7,9 trilhões. A taxa de juros Selic segue em 15% ao ano, devido à inflação persistente que também segue distante da fixada em 3,00%, com intervalo de tolerância de menos ou mais 1,50%, de 1,50% a 4,50%. Inflação baixa, estável e previsível traz vários benefícios, não somente para o mercado, mas para a sociedade, além de que impacta diretamente em um possível corte da taxa de juros. Porém, como consequência deste contexto inflacionário, a taxa de juros elevada tende a levar investidores para opções mais seguras, tal como as de renda fixa, deixando de lado ativos de risco, tal como o café. Todo esse contexto econômico que o Brasil segue vivenciando, tende a gerar instabilidade na dinâmica financeira e cambial, suscitando um sentimento de aversão ao risco por parte de investidores, o que não é favorável para ativos de risco tal como o café.

No mês de julho/25, o esgotamento da infraestrutura nos portos do país fez com que o Brasil deixasse de embarcar 1.542 contêineres, equivalente a 508.732 sacas de café, conforme levantamento realizado pelo Cecafé junto aos seus associados. Desta forma, no sétimo mês de 2025, os exportadores acumularam prejuízos de R\$ 4,1 milhões com armazenagem adicional, detentions, pré-stacking e antecipação de gates. Parte desse prejuízo é repassado ao cafeicultor,

uma vez que os exportadores consideram os custos portuários para precificação do café aos produtores, o que pressiona os preços no mercado físico interno. *“Esse não ingresso de receitas e a elevação dos custos portuários com a exportação de café gera elevados prejuízos aos exportadores e representa o menor repasse das transações comerciais aos produtores brasileiros, uma vez que somos o país que mais transfere o preço FOB dos embarques aos cafeicultores, a uma média que supera 90% nos últimos anos”*, lamenta o diretor técnico do Cecafé, Eduardo Heron.

No mercado físico interno, a deterioração do Dólar contra o Real no decorrer do ano de 2025, certamente segue inibindo uma valorização ainda maior nos atuais níveis de preços do café em R\$ por saca de 60 kg. Fatores de naturezas distintas influenciam os movimentos da taxa de câmbio, incluindo choques externos, incertezas domésticas e a deterioração de fundamentos macroeconômicos. No início do ano, o Dólar chegou a operar na casa de R\$ 6,20, atualmente, na casa de R\$ 5,45, o que significa uma perda de mais de 10% na precificação do câmbio e impacta diretamente no potencial de precificação dos cafés que os exportados compram dos produtores.

MENSAGEM AOS CAFEICULTORES

“Atualmente, qual momento é interessante para se vender café?? Estoques em níveis críticos, redução da safra 2025, geada e frio reduzindo o potencial da safra 2026, possibilidade de La Niña, queda nas exportações, tarifas norte-americanas, novo apetite dos fundos de investimento e especuladores por café, fraqueza do dólar, dentre outros, são desafios para o setor que impulsionaram os preços do café e que devem minar a possibilidade de recuos mais fortes nos próximos meses, embora no mercado de café tudo é possível e, assim sendo, é preciso considerar que a proximidade da safra de outras origens, tais como Vietnã, América Central e Colômbia, que se inicia no último trimestre do ano, pode dar novo fôlego aos baixistas. Num médio/longo prazo, tudo depende do clima, portanto, impossível cravar algo. Já no curto prazo, o produtor que pretende iniciar suas médias haja vista que os níveis de preços estão propondo boa margem, é sugestivo considerar o seguinte: tecnicamente, as cotações de cafés se estabilizaram entre o suporte de 370,00 cents/lb e a resistência de 390,00 cents/lb. As cotações na Bolsa de NY vêm oscilando dentro deste intervalo de acordo com fatores alheios aos fundamentos, tais como fatores técnicos, econômicos, político e cambiais. Assim sendo, dentro do atual contexto, o produtor deve evitar a venda quando as cotações da Bolsa de NY estiverem próximas dos níveis de 370,00 cents/lb e participar aos poucos do mercado quando estiverem entre 380,00 e 390 cents/lb.”

Varginha, 05 de setembro de 2025.

Analista: **João Marcelo Oliveira de Aguiar**
Superintendente Executivo - Fundação Procafé